

# NÃO É MIMIMI: ENFRENTAMENTOS NECESSÁRIOS A DISCURSOS RACISTAS

Beatriz Regina Barbosa (IFSP São Carlos)  
[beatriz.regina@ifsp.edu.br](mailto:beatriz.regina@ifsp.edu.br)

Fábio Ricardo Mizuno Lemos (IFSP São Carlos)  
[fabio.lemos@ifsp.edu.br](mailto:fabio.lemos@ifsp.edu.br)

Giordano Barbin Bertelli (IFSP São Carlos)  
[giordano.bertelli@ifsp.edu.br](mailto:giordano.bertelli@ifsp.edu.br)

### Resumo:

O texto aborda a naturalização de palavras racistas com o objetivo de problematizar termos e expressões que, sob aparente neutralidade, compõem lógicas de dominação e reprodução de desigualdades historicamente construídas. Para tanto, selecionamos termos e expressões com base na frequência com que a/os autora/es os ouvem em diferentes espaços sociais. Esse exercício de problematização ressalta o caráter estruturante do racismo e a necessidade de enfrentamento teórico e prático das estratégias de silenciamento ligadas à sua reprodução.

**Palavras-chave:** Racismo; Relações de Poder; Ação Educativa.

## 1. Introdução

A motivação para a escrita deste texto surgiu da observação da frequente naturalização de palavras e expressões de teor preconceituoso e racista em diversos espaços sociais, inclusive nas instituições de ensino. E o 'natural' aqui ressaltado diz respeito à ideologia neoliberal, fatalista e pretensamente imobilizadora, que impõe uma realidade social 'quase natural', desconsiderando seus elementos histórico-culturais (FREIRE, 2021).

Não é uma tarefa fácil, nem confortável, perceber em nossos discursos a 'introjeção da opressão' que atinge a toda gente, essa 'aderência ao/a opressor/a' (FREIRE, 2021). Muitas vezes, isso resulta em falas como 'tudo isso é mimimi', uma expressão depreciativa que satiriza reflexões, reduzindo-as a simples reclamações injustificadas ou pouco coerentes (PRIBERAM, 2023).

Vale salientar que o racismo é um sistema de opressão estruturante das sociedades, que, por meio da criação de uma hierarquia entre os grupos raciais, estabelece privilégios políticos, econômicos, sociais e simbólicos para um grupo em prejuízo dos demais, podendo também ser definido como um sistema ideológico de hegemonia racial (UNESP, 2023). Nesse sentido, as perspectivas da colonialidade e o racismo contribuem para a construção de um inconsciente coletivo e uma organização de mundo polarizada e hierarquizada, na qual o mundo é dividido entre racionais X irracionais, primitivos X civilizados, superiores X inferiores (FANON, 2008; QUIJANO, 2005; FAUSTINO, 2018).

Sendo assim, nosso objetivo é problematizar e discutir alguns termos e expressões racistas, uma vez que a linguagem também produz compreensões

de mundo, sujeito e humanidade que, sob aparente neutralidade, compõem as lógicas de reprodução das desigualdades historicamente construídas.

Para tanto, adotamos o seguinte procedimento: as palavras e expressões racistas apresentadas foram identificadas pelos próprios autores e autora deste trabalho, tendo como critério a frequência com que as ouvem em diversos contextos sociais. Vale ressaltar que a decisão pelos termos foi desafiante, já que expressões racistas, preconceituosas e fundamentadas na hierarquização das humanidades, modos de ser, viver e estar no mundo são inúmeras e constantes, sendo necessário letramento racial (SANTOS; AMORIM, 2021) para perceber e romper com as lógicas historicamente construídas e o lugar que a branquitude (BENTO, 2002) ocupa nelas, mudando ações, pensamentos e linguagem.

## 2. Termos e expressões racistas

*Cor de pele:* não existe uma única cor que possa abranger uniformemente a diversidade de tonalidades da pele humana, assim, os tons de bege devem ser identificados por seus nomes específicos e não vinculados à representação da pele das pessoas (BRASIL, 2022).

*Escravo/a:* o termo dá a ideia de que a pessoa já nasceu sem liberdade, como algo inerente à sua condição, desconsiderando o fato de que africanos/as foram violentamente trazidos/as ao Brasil e forçados/as a trabalhar sob essa condição. Portanto, a palavra mais apropriada para descrever essa situação é escravizado/a (BRASIL, 2022).

*Macumba:* como afirma Makota Valdina Pinto, é preciso ver com outros olhos oferendas deixadas em encruzilhadas, na mata, em um caminho,

Não ver como ‘coisa do mal’, ou ‘feitiço’, ‘coisa do diabo’, mesmo porque diabo não é da nossa cultura, é da cultura do ‘branco’, do ‘dominador’. [...] é preciso acabar com essa mania de considerar o povo do candomblé como ‘feiticeiros’, que faz o mal, que mata, pois não é verdade. Se assim fosse, não teríamos sido escravizados por tanto tempo e em várias partes do mundo, pois teríamos matado todos os que nos escravizaram [...] (PINTO, 2013, p. 163).

É preciso respeitar as oferendas (termo apropriado a ser utilizado) como ritos religiosos, afinal vivemos em um Estado laico.

## 3. Considerações

Como ressaltado pela professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, em uma resposta sobre a implementação da educação antirracista nos últimos tempos:

Ainda vemos pessoas olharem atravessado para as pessoas negras ou indígenas e avaliarem o jeito de ser e viver dos outros a partir de uma visão [...] eurocêntrica. Isso ocorre porque muitas pessoas e grupos sociais não aceitam ser contrariadas. As relações sociais são muito complexas. [...] há [...] questões que se interseccionam, pois as relações étnico-raciais também têm a ver com as relações de gênero,

geracionais, etc. No fundo, são relações de poder, em que alguns querem se manter no poder e pra isso depreciam os demais (ABE, 2021, n.p.).

Nesse contexto, é responsabilidade de educadores e educadoras progressistas resistirem e transporem a barreira da 'esperteza da ideologia dominante' (FREIRE, 2021), para afirmarem: Não é mimimi, é racismo!

#### 4. Referências

ABE, S. K. Petronilha B. Gonçalves e Silva: diversidade em diálogo na educação. **Cenpec**, 26 out. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/48HLLY3>. Acesso em: 06 out. 2023.

BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. 185 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2002.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Expressões racistas**: como evitá-las. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, D. M. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. **SER Social**, v. 20, n.42, 148-163, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. (Edição especial centenário capa dura).

PINTO, V. Interação entre o mundo físico e o sobrenatural no candomblé. *In*: BAHIA. Governo do Estado da Bahia. **Valdina Pinto**: meu caminhar, meu viver. Salvador: Sepromi, 2013. p. 157-163.

PRIBERAM. Mimimi. *In*: PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://bit.ly/3ZHQ7uo>. Acesso em: 28 set. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

SANTOS, M. S.; AMORIM, M. Á. O Letramento racial crítico em vestibulares: o caso da UNICAMP sob a ótica dialógica. *In*: CONEDU, 7., 2021, Maceió. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 1-12.

UNESP. **Guia sobre racismos**. Disponível em: <https://bit.ly/46WHy1I>. Acesso em: 06 out. 2023.